jó, Lima, Portugal, Godoy, Diogo, Catta-Preta, Silveira, Bustamante, França, Brum, Baptista dos Santos, Alves, Gustavo, Lopes, Soares de Souza, Souza, Costa, Veiga e Neves.

Obituario. — Relação das pessoas sepultadas nos cemiterios publicos, no dia 16 de janeiro de 1864.

A irmã de caridade, Anna de Magalhães, bahiana, 27 annos. Tuberculos pulmonares.

Theodora dos Reis Peçanha, fluminense, 70 annos, viuva. Febre typhoide.

Marcellino Ramos, parahybano, 30 annos, solteiro. Derramamento ceroso.

Francisco Gomes de Oliveira, portuguez, 30 annos, solteiro. Laryngites.

Fortunato Silveira de Miranda, fluminense, 26 annos, solteiro. Tisica pulmonar.

Albino José de Brito, fluminense, 58 annos, casado. Gastro-hepato-enterite.

Juventina, filha de Manoel Ferreira do Rosario, fluminense, 11 mezes. Affecção cerebral.

Alfredo, filho de Manoel Ferreira Alves, fluminense, 11 mezes. Hepatites.

Uma criança, filha do Dr. Octaviano de Almeida Rosa. Nasceu morta.

Ivo, liberto, 26 annos, solteiro. Diarrhéa.

Henrique, exposto, fluminense, 18 dias. Stomatites.

Maria Carlota Thomazia, portugueza, 40 annos, casada. Febre typhoide.

Pedro José Rodrigues, fluminense, 27 annos, solteiro. Tuberculos pulmonares.

Manoel Dominguez da Silva, portuguez, 48 annos, casado. Cachexia.

Candida Mathildes da Camara, portugueza, 27 annos, viuva. Tuberculos pulmonares.

Alexandre, filho de Alexandre Pereira de Magalhães, fluminense, 8 annos. Tuberculos mesentericos.

Joanna Rosa de Jesus Silveira, portugueza 50 annos, viuva. Cachexia.

Antonio Pereira da Fonseca, portuguez, 25 annos, solteiro. Tetano.

Nicolas Isabel, italiano, 36 annos, casado. Peritonithe.

Eva, liberta, fluminense, 40 annos. Epilepsia.

Sepultaram-se mais 9 escravos sendo de febre typhoide 1, aneurisma 1, bexigas 2, vellice 1, gastro-enterite 1, collica 1, pneumonia 1, bronchites 1.

No numero dos 29 sepultados nos cemiterios publicos, estão comprehendidos 12 cadaveres de pessoas indigentes, a que se deu conducção, conducção e sepultura gratis, sendo um á requisição da autoridade policial.

VARIEDADE.

ACADEMIA DE S. PAULO.

Francisco Quirino dos Santos (*)

(*Impressões*)

I.

O mais agradavel dos mundos é o que se encerra nas cerradas sombras e gloriosas dessa academia. Mundo original, composto de brilhantes todos feitos em uma idea, e onde ha uma face caracteristica para todo. No ensaio decorrido do primeiro ao quinto anno, da primeira á quinta illusão escolastica, a sociedade, mostra-se-nos, sob o aspecto da felicidade, obrigando-nos a recordar aquelas que bichoularam no nosso ouvido, e as primaveras desfolhadas sobre a nossa cabeça. Não principio para a realidade em que se gerou depois! Tanto mais pesa a quanto mais acariciadores foram os prismas, que escolhermos para olhar o futuro... Ha duas mocidades a passar na academia, a mocidade dos annos, a mocidade da intelligencia: — a primeira é como toda a mocidade, tresvariada, louca, sem consistencia e sem ordem; a segunda é a consciencia da pujança, dem; a segunda é a consciencia da pujança, e o pensar, e o crisol em que se purificam essas pequenas loucuras, que daqui em diante graçada a creanças... se não existissem! Ha o Paulo... não o se... em toda a parte? ambas essas existencias deixam sulco por onde passam; vive-se pelo coração, vive-se pela cabeça! E ali que se aprende a escrever algumas versos... para esquece-los quando se sahe d'ahi.

O ruido, que acompanha a mocidade academica, resume a fé, a esperança, a vontade!

Todos os annos tem-se a registrar uma nova idea, um novo rebentão, um novo fruto, surgido desse encantadora Athenas, onde ha duas cousas que são recebidas com todo o ardor e com todo o enthusiasmo: o sol e a intelligencia!

E quando se ha de escrever, e quando se ha de ter alguma esperança ficticia senão nessa epoca?

O mais desolador estado da vida é aquelle em que o coração calla-se para ouvir unicamente os funebres sussurros de uma ambição e tresloucada existencia! Nesse momento, os dias anteriores, os passados dias, os dias da felicidade morta, não ganham nem um sandal, sem ha vos que lhes cante um *De Profundis*, de religiosa melancolia. O interesse é frio, cresta como o gelo. O que primeiro morre... são as recordações... são as bellas recordações!

Quando a alma, pois, começa a aquecer as suas pennas, para sorrir e voar, deixemola, á pobre, deixemola voar e sorrir! As primeiras intelligencias tiveram um principio vaporoso e ideal sempre. Sendo fumo, a gloria, a gloria ceda uma nuvem, onde devemos procura-la senão nos edenicos sonhos dos vinte annos?

Quando se entra pela primeira vez na Academia, quando pela primeira vez occupa-se aquelles bancos esmaiados de madeiras, de datas, de enygmas — mesmo de enygmas! conta-se a impressão d'um homem, que ouvia acabar alli o universo, e não ter que contar com o futuro para nada! Se ha uma cousa estupidamente necessaria em que não se pensa é no futuro problema inventado pela morte! Por baixo desses arcadas sombrias e d'um reparando aspecto, a imaginação deleita-se nas variedades de typos, de talentos, de individualidades, encostadas aos portaes emmegrecidos, avaliando nas dizes e nas conversações satyricas, entre uma nuvem de gargalhadas, de alegria e de encantador desalinho!

Ali se dilatam a sciencia, a litteratura, as bellas artes.... e a politica! Ia-me esquecendo a politica! Cada qual possue a franqueza necessaria para dizer o que pensa na sua idéas, defeito.... que se perde mais tarde, quando se é forçado a ruminar idéas em silencio, e a não patentear-se publicamente... graças á opinião, á opinião publica, que por lá é muito honrada, muito severa, e detesta habitos carnavalesquos. Por bom tempo, e que mudam tão bem adequado a esse tempo; pois não é?

Desde a tribuna, desde a oratoria, até o escripto ligeiro de folhetim, ha de ter a sua academia nomes sympathicos e queridos pela litteratura.... A intelligencia reparte-se admiravelmente em todos os ramos, e em todos vezes: o theatro recebe o que o jornal applaudio, e a tribuna é festejado o dramaturgo, o poeta, o folhetim e o romance, que se publicam e lembrar a phalange litteraria que desertou dos bancos academicos, neste ultimo anno, 1863.

Com verdadeiro jubilo ajto os nomes meus amigos, Theodomiro Alves Pereira, Francisco Quirino dos Santos, Francisco Rangel Pestana, Thomaz Otoni, — bellos nomes que alimdam duas sciencas manifestações do talento; a litteratura e a politica; *Gennesco, Estrellas Errantes, Rasão, Futuro* e *Epoca!* romance, poesia, jornaes da politica liberal.

Dizem que esta ultima absorve a mocidade e fa-la perder as sensiveis qualidades do homem de alma! O *Futuro* e a *Epoca* foram os campeões da politica liberal em S. Paulo; e *Futuro* em 1862, e *Epoca* em 1863.

Na redacção do primeiro jornal estava um moço, cujo nome registro como o de um dos mais talentosos estudantes que a faculdade possuio: o Sr. Cesario Alvim, escriptor de merito e de qualidades raras.

Os redactores da *Epoca* e do *Futuro*, conhecerão o melhor caminho para chegarem á certa? Nem lançaram mão do absurdo, nem verdade. Entenderam a politica como o insulto. Entenderam a politica como o sustentaculo dos sentimentos nobres do homem, e não como o principio da discordia, da infidelidade e da mal entendida lisonja. Não comporta este escripto a analyse succinta dos jornaes mencionados. Os numeros dados á estampa e lidos com interesse geral, attestam bastantemente o que eu digo. Pertana e Ottoni deixam vexto todos os que os estimavam, vacuo tanto mais sensivel, quanto delicada mocidade, que se allia aos caracteres distinctos desses dous jovens escriptores. Theodomiro Alves Pereira, é um orador de primeira ordem, pelas salas academicas as suas palavras vehementes, e o theatro lembra com todo o brilhantismo o successo felicissimo do seu *Waldejo*. Ha muitos e muitos enthusiastas admiradores do romance *Gennesco*, sou eu entanto quem mais sinceramente pensa do seu talento como critico, como romancista, como orador. Ha pouco tempo ainda — e esta lembrança dóe-me pela saudade que me ella inspira! — O *Diario do Rio Preto* publicou o discurso que Theodomiro recitou na collação do grão aos bacharels de 1863. Sempre a sua imaginação arrojada, a firmeza e a nobreza de liberdade moral, o seu estylo energico e florido. Esse discurso traz-me á mente a caravana desse cento e tantos desertores, que não encontrerem mais novoelando-nos nas salas da academia, nas sessões litterarias, no theatro... e no theatro emfim! Para onde irão elles... e quando nos abraçaremos mais?

Esses poetas, romancistas, comediographos e dramaturgos, que se mamam do pergaminho e têm de dizer o adeos da partida áquelles livres folguedos do estudante, esquecem-se por certo das cruentadas phases da academia, diante de um tribunal, ao pé dos libellos, atacados pelos amedrontadores processos e com as eleições em frente! Qual das épocas é melhor, sendo Deos? Se aquellas devem morrer para sempre sob o aspecto venerando do homem da magistratura, de advocacia e da politica, a ordem presente deveria transformar-se, e uma lei prescripta novamente prolongar o tempo marcado para o curso juridico na nossa faculdade. Muito obrigado,—se não o será sempre? o talento poetico supplante-se sob a pressão mortal do codigo civil, e nós que andavamos um poeta inaspirado, um futuro batalhador nas letras patrias, temos de sorprender-mo-nos com o seu nome em uma folha publica, não assignando um volume de versos ou um poema, porém na ordem cabalistica de candidatos por um districto qualquer? Porque não se ha de prolongar a idade de ouro? a idade das illusões e nada mais? a idade dos desejos e dos sonhos!

Ha tantas amizades no decurso da vida academica, que a alma cança-se debalde em reunil-as e proclamai-as uma a uma!

A seiva abunda no meio de todos esses belos sembiantes jovisos, e as cordas do sentimentalismo vibram como sob os dedos artisticos d'uma mulher!

Uma circumstancia, aliás favoravel nos progressos simultaneos da mocidade, raras muitas vezes ao desanimo, talentos moderados, atrazados na imprensa para distinguirem-se entre os mais: — a emulação. A mesma vez, tal circumstancia deveria animar as nascentes vocações impellidas ao desprezo e á discussão, mas como o habito, essa segunda existencia, determina até hoje o contrario, o que pode fazer, ao todos, senão deplorar um semelhante revez, que contra toda a expectativa, vem fazer um vivo anbagonismo aos progressos da intelligencia!

A litteratura ahi reveste-se de uma novafa... Como explicar-se, não sei. Apezar de tudo, ensaiou-se um artigo, commenta-se, critica-se, satyrisa-se, porem louva-se apezar de tudo. Recolhe-se o escriptor ao seu velho, estudante de preparatorios ou academico, sem apresentação, sem *claque*, sem patente de reputação dada em outras partes... por pessoas que não lhe ra vitação nenhuma! — Os homens de letras academicos, amam acima de todas as cousas... a si mesmos, mas ainda e acariciam tambem os outros. Pertanto os acompanhado de 1862, época em que principiei a colleccionar-me, e a ler-se na um coração grato e a mem. A gratidade do aluno, que nesse tempo á procura de algum ente... que não se lembrara de que existisse no seio a felicidade, e esse ente foi eu. A que velo lembrar-me agora?

Pallarei pois com toda a sincerdade e imparcialidade de um pequeno livro publicado ainda ex-redator da *Razão*, Francisco Quirino dos Santos. Chama-se *Estrellas Errantes*, e é necessariamente o resumo caprichoso dos pensamentos que o autor vio passarem ao pé de si, nesse bom tempo, que não lhe voltará mais, estou certo.

O livro appareceu sem ruido, sem estupidos elogios ou prevenções. Saudado rapidamente no Rio de Janeiro pela imprensa noticiarista, as mocidades *Estrellas Errantes*, *Pensamentos* foram acompanhado de 1862, época em que principiei a colleccol-os me-lhor, e se ha um coração grato e a mem. A gratidade do aluno, que nesse tempo á procura de algum ente... que não se lembrara de que existisse no seio a felicidade, e esse ente fui